

CARLOS LACERDA

Rio de Janeiro,
2 de setembro de 1975

Meu caro Grassman:

Venho agradecer e à sua mulher - também ao filho com o violão - a gentileza de nos ter recebido em casa. Seus desenhos já foram emoldurar, na mão de Leticia.

Não sei se o livro que lhe mandei lhe parecerá capaz de lhe inspirar ilustrações. Se não, arranja remos outro. Mas, confesso que não só ficaria muito 7 contente se pudesse ser com os meus contos, como acredito que eles são muito capazes de receber tais ilustrações, embora a desproporção entre o valor delas e o deles. Minha filha Cristina ficou encantada com a idéia, pois é entusiasta desses contos, há muito tempo. Haveria mais um ^{ou} dois a acrescentar.

Não cheguei a lhe dizer, mas digo agora. Parece-me que, além da dificuldade que decorre do gênero de arte que você mais cultiva ser difícil num mercado delirante como é este nosso, acho que você está sendo posto um pouco em silêncio. E isto é profundamente injusto. Ouso, sem autoridade para tanto, colocá-lo entre os melhores do mundo, hoje, em matéria de desenho de gravura. Isto mesmo disse ontem, num jantar, ao José Roberto Teixeira Leite, cuja revista está fazendo 7 sucesso. (Disse-me ele que vende 15.000 exemplares cada mes, e vai para mais). Falei-lhe também do nosso Otávio Araujo, este ainda tão pouco conhecido - mas no caso, justiça se faça, por culpa dele.

Até breve. Vindo ao Rio não nos esqueça. Não vindo, também.

Um abraço e lembranças à doadora de plantas do seu jardim secreto.


Carlos Lacerda.

CL/mtm.

